

## **Do amadorismo profissional ao profissionalismo amador: os discursos da imprensa sobre a profissionalização do futebol na cidade de Belo Horizonte**

From Professional Amateurism to Amateur Professionalism:  
The Professionalization of Football in Belo Horizonte by the Press

**Sarah Teixeira Soutto Mayor**

Universidade Federal de Juiz de Fora, Governador Valadares/Brasil  
Doutora em Estudos do Lazer, UFMG  
sarahsoutto@gmail.com

**Silvio Ricardo da Silva**

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/Brasil  
Doutor em Educação Física, UNICAMP

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo analisar os discursos produzidos pela imprensa belo-horizontina sobre a profissionalização do futebol, especificamente em relação às tensões observadas entre a modernização almejada com o novo regime e as reais possibilidades do cenário local. Como metodologia, foram analisadas reportagens de jornais e revistas produzidas na capital mineira e em outras localidades, como Rio de Janeiro e Buenos Aires, devido à percepção da circulação de discursos comuns e da influência do cenário futebolístico dessas cidades. A análise das fontes evidencia uma convivência ambígua entre os discursos veiculados, que ora invocavam os supostos avanços do profissionalismo em contraposição à defasagem do amadorismo, ora condenavam o regime profissional em prol dos verdadeiros sentidos do esporte proporcionados pela prática amadora. Longe do apaziguamento que a palavra ‘transição’ pode supor, a mudança de regimes permaneceu durante a década de 1930 como protagonista de um cenário discursivo conflituoso.

**PALAVRAS-CHAVE:** História; Futebol; Profissionalismo; Amadorismo; Discursos.

**ABSTRACT:** The following article aims to analyze the speeches produced by the press in Belo Horizonte about the professionalization of football, more specifically about the tensions noted between the wanted modernization with the new regime and the real possibilities of the local scenario. As methodology, reports from newspapers and magazines produced in the capital of Minas Gerais and other locations, such as Rio de Janeiro and Buenos Aires, were analyzed, due to the perception of the circulation of common speeches and then fluency of the football scenario of these cities. The analysis of the sources showed an ambiguous coexistence between said speeches, which or invoked supposed progresses of the professionalism opposed to the lag of the amateurism, or condemned the professional regime in favor of the real meaning of the sport, that is only provided by the amateur practice. Far from the peace making that the word ‘transition’ can suppose, the change of the regimes remained during the 30’s as the protagonist of a conflicted discursive scenario.

**KEYWORDS:** History; Football; Professionalism; Amateurism; Speeches.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo analisar os discursos produzidos pela imprensa belo-horizontina sobre a profissionalização do futebol, especificamente em relação às tensões observadas entre a modernização almejada com o novo regime e as reais possibilidades do cenário local. Intenciona-se, especialmente, elencar elementos que sirvam para a compreensão de mudanças discursivas no cenário futebolístico local, evidenciando influências importantes advindas de contextos onde já se vivenciava o profissionalismo, como as cidades de Buenos Aires e Rio de Janeiro. No ano de 1931, a capital portenha anunciou a regulamentação do regime, fato que impactou sobremaneira a sua adoção posterior em algumas cidades do Brasil. Exemplos que buscavam sustentar o sucesso do novo formato rechearam as páginas da imprensa carioca, fato que, por sua vez, influenciou incisivamente a capital mineira.

Para tanto, foram analisados discursos produzidos por jornais e revistas publicados em Belo Horizonte, Rio de Janeiro e Buenos Aires, a saber: *Estado de Minas*, *A Tribuna*, *Jornal dos Sports* e *El Gráfico*. O estudo dos periódicos produzidos nas cidades supracitadas considerou a frequente veiculação de notícias referentes a esses contextos nos jornais belo-horizontinos. Ainda, sobre a revista *El Gráfico*, torna-se importante ressaltar sua projeção no momento da pesquisa, já que era considerada a revista esportiva de maior influência na Argentina,<sup>1</sup> com notável alcance em outros países do continente. Para Campomar,<sup>2</sup> a revista criada em 1919 (e que ainda existe nos dias atuais) teve importante papel na definição de uma “identidade latino-americana por meio do futebol”.

Mesclas entre os regimes amador e profissional, disputas pelo controle do futebol local, imbrólios entre clubes, dirigentes e colunistas demarcaram sentidos próprios nas páginas da imprensa belo-horizontina, muitos dos quais contrários ao que se percebia no momento anterior à profissionalização. Inversões discursivas compuseram um cenário conflituoso, longe do apaziguamento que a palavra

---

<sup>1</sup> ARCHETTI. *Masculinidades: fútbol, tango y polo en la Argentina*.

<sup>2</sup> CAMPOMAR. *Golazo: de los aztecas a la Copa del Mundo: la historia completa del fútbol en América Latina*, p. 91.

“transição” poderia supor ao se analisar a convivência de ambos os regimes na década de 1930.

### **O ADVENTO DO PROFISSIONALISMO: UM CONTEXTO DE INFLUÊNCIAS**

Na década de 1930, momento em que se observa um crescimento significativo do futebol na capital mineira, a circulação de informações por meio de periódicos, advindas de diversas cidades e países, era algo corrente. Pelas páginas dos impressos podia-se entrar em contato com informes referentes a torneios regionais, nacionais e internacionais, à vida dos clubes, à formação de selecionados e aos constantes trânsitos migratórios de jogadores.

Nesta perspectiva, a diversão tornada profissão foi, em grande medida, influenciada pela adoção do regime em países europeus e latino-americanos, bem como em cidades brasileiras que possuíam um centro esportivo mais consolidado, como Rio de Janeiro e São Paulo. Pode-se dizer que tanto as premissas discursivas moralizadoras do regime amador (e suas variáveis vertentes formativas) quanto às reivindicações mercadológicas do profissionalismo (que pressupunham outra moral) foram sentidas em Belo Horizonte como partes indissociáveis de um contexto mais ampliado.

O aumento do interesse do público pelo jogo, incrementado pelas disputas de torneios entre equipes e pelo surgimento das identidades clubísticas;<sup>3</sup> o reconhecimento crescente pelos dirigentes e jogadores do potencial lucrativo do futebol; a conformação de uma estrutura esportiva, com a construção de estádios cada vez mais planejados para receber uma quantidade maior de torcedores; a forte presença do jogo nos meios de comunicação; e, por fim, os crescentes êxodos de jogadores, alteraram sobremaneira os significados do futebol e a sua vivência em diversas localidades brasileiras.

Mesmo que essas características já fossem perceptíveis em momento anterior, pode-se dizer que a adoção às claras do profissionalismo foi um agente potencializador, na medida em que concentrou a força do empreendimento futebolístico, de forma evidente, nas possibilidades mercadológicas. Estas teceriam

---

<sup>3</sup> Conf.: DAMO. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França.*

relações cada vez mais arraigadas e rígidas entre rendimento esportivo (dentro do campo) e rendimento financeiro (fora do campo); características que seriam resultantes de um contexto maior de influências, iniciado na Inglaterra em 1885.

De acordo com Claussen,<sup>4</sup> a Áustria se tornou o primeiro país da Europa Continental a criar uma liga profissional, na temporada de 1924/1925.<sup>5</sup> Reyna cita o ano de 1926 como marco para o caso espanhol;<sup>6</sup> 1927, para o caso de Tchecoslováquia e Hungria; 1929, para o caso italiano. Em se tratando da Argentina, Alabarces<sup>7</sup> e Frydenberg<sup>8</sup> situam o ano de 1931 como momento em que o amadorismo marrom se transforma em um profissionalismo regulamentado.

No Brasil, a adoção do regime profissional aconteceu especialmente nas décadas de 1930 e 1940, reverberando em várias cidades. Damo sinaliza que os embates envolvendo o profissionalismo e o amadorismo se fizeram presentes desde a fundação dos primeiros clubes e ligas de futebol, “embora o profissionalismo viesse a ser adotado oficialmente apenas nos anos 1930 – em 1933 pelo eixo Rio-São Paulo; em 1937 por Grêmio e Internacional; e nos demais estados, cujas datas são imprecisas, não antes de 1933”.<sup>9</sup> Em Belo Horizonte, o jogo profissional foi regulamentado em maio de 1933, poucos meses depois da implantação no Rio de Janeiro e em São Paulo.

**AS INFLUÊNCIAS DA ARGENTINA NO ADVENTO DO PROFISSIONALISMO BRASILEIRO:  
“ESSE FACTO TERÁ GRANDE REPERCUSSÃO NO FOOTBALL SUL-AMERICANO, É INQUESTIONÁVEL”**

O processo de implantação do profissionalismo na Argentina se difere das cidades brasileiras supracitadas (Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte) no que tange aos propulsores do movimento. No caso brasileiro, os dirigentes dos clubes podem ser considerados os protagonistas da regulamentação do novo regime, enquanto no país vizinho tal empreitada foi conduzida, especialmente, pelos jogadores.

---

<sup>4</sup> Conf.: CLAUSSEN. *Béla Guttmán: uma lenda do futebol do século XX*.

<sup>5</sup> Reyna (2008) diverge de Claussen (2014). Para ele, a Áustria instaurou o profissionalismo em 1926.

<sup>6</sup> REYNA. *La difusión y apropiación del fútbol en el proceso de modernización en Córdoba (1900-1943): actores, prácticas, representaciones e identidades sociales*.

<sup>7</sup> Conf.: ALBARCES. *Fútbol y patria*, 2007.

<sup>8</sup> Conf.: FRYDENBERG. *Historia social del fútbol: del amateurismo a la profesionalización*.

<sup>9</sup> DAMO. *Do dom à profissão*, p. 74.

Uma das motivações primordiais consistia na reivindicação do passe livre, situação que gerava conflitos entre jogadores e dirigentes ainda no período amadorista. Os jogadores defendiam o direito de se transferirem dos clubes sem multas e encargos, enquanto os dirigentes e a Associação Amateur Argentina de Football (A. A. A. F.) promulgavam normativas que forçavam a vinculação do atleta ao clube. O amadorismo marrom na Argentina também já se concretizava como real motivo de transferência de jogadores para instituições que lhes fornecessem melhores condições financeiras. Sua prática, como demonstram os periódicos, era conhecida há tempos, mas, assim como no Brasil, esbarrava nas prerrogativas amadoristas da liga gestora. Entretanto, para o cronista Chantecler, figura bastante presente nas páginas da revista *El Gráfico* e apoiador entusiástico do novo regime, o futebol amador “nobre, cavalheiresco” e “desinteressado” era já uma utopia, “nada mais do que um sonho irrealizável”, pois “o movimento das bilheterias, a mercantilização do jogo absorveu todos os lirismos [...]”.<sup>10</sup>

O momento predecessor ao advento do regime na Argentina foi marcado por inúmeras reportagens que denunciavam circunstâncias graves de violências nos estádios,<sup>11</sup> subornos a juízes, descaso aos clubes considerados pequenos, desmandos e parcialidades nas decisões da A. A. A. F., e desrespeito aos atletas em se tratando dos contratos abusivos a que estavam aprisionados.

Entre ser partidário de uma situação falsa ou provocar a verdadeira [...] a eleição não pode ser duvidosa. Daí minha campanha em favor do profissionalismo que, além do mais, nos trará aparelhado a disciplina e o melhoramento dos espetáculos e a clareza dos balanços falsos dos clubes de futebol. Com isto ele propicia também o realce do amadorismo, porque havendo esporte profissional se farão as separações correspondentes e ingressarão então na prática do futebol muitos universitários e gente de posição abastada que se havia afastado do jogo por não aparecer na situação suspeitosa.<sup>12</sup>

---

<sup>10</sup> CHANTECLER. La revolución de los jugadores porteños de fútbol. *El Gráfico*, 18 abr. 1931, n. 614, p. 16-17. (Tradução dos autores).

<sup>11</sup> Em uma das reportagens, um dos jogos foi narrado como recheado de uma série de fatos delituosos, de escândalos comuns nos campos, de “baixos desdobramentos das paixões”. Nesse episódio um torcedor atirou de revólver contra outros torcedores e um agente de polícia (*El Gráfico*. De sábado a sábado, 04 dez. 1930, n. 586, 18. (Tradução dos autores).

<sup>12</sup> CHANTECLER. La delicada situación. *El Gráfico*, 09 maio 1931, n. 67, p. 16. (Tradução dos autores).

O *Jornal dos Sports* retratou o cenário argentino por muitas edições, o que demonstrava a importância das ações realizadas naquele contexto para as discussões já empreendidas acerca da profissionalização do futebol brasileiro. A oficialização do profissionalismo e a conseqüente separação entre amadores e profissionais eram mencionadas como exemplos a serem perseguidos pelos outros países sul-americanos, no intuito de evitar a “situação insustentável de amadorismo mascarado, de profissionalismo clandestino”.<sup>13</sup>

O impresso carioca pontuava, edição após edição, as vantagens do profissionalismo. Este jornal foi um grande incentivador do futebol profissional, mesmo levando-se em consideração a veiculação, menos numerosa, de notícias que traziam as problemáticas do regime. No caso mineiro, também o jornal *Estado de Minas* pode ser considerado um defensor da regulamentação e, neste contexto, vale ressaltar o trânsito de informações entre ambos os impressos.

A veiculação frequente dos benefícios do profissionalismo em solo argentino, comumente expressos por estatísticas de rentabilidade, pode ser considerada parte importante dos mecanismos discursivos de convencimento do leitor acerca da necessidade de se realizar a mesma experiência no Brasil. Com os holofotes midiáticos e os investimentos financeiros direcionados ao futebol profissional, que foi aderido pelos principais clubes argentinos e pelos jogadores de maior renome, as disputas amadoras sofreram com a perda de público e de renda. Uma reportagem do *Jornal dos Sports* assim se manifestou em um dos subtítulos de uma manchete: “As rendas dos jogos entre amadores são ridículas”.<sup>14</sup>

O profissionalismo está victorioso na Argentina. O publico quase não frequenta os campos onde se realizam jogos entre amadores. Para que os nossos leitores possam aquilatar da desproporção de rendas nos jogos de amadores e profissionaes, basta dizer que em nove encontros de profissionaes verificou-se uma renda de \$48.896.50 pesos, ou sejam: 205:000\$000. Em 19 encontros de amadores, a renda foi de \$3.319.20 pesos, ou seja, em nossa moeda, 13.939\$800. Como se verifica, a desproporção de rendas é fantástica.<sup>15</sup>

<sup>13</sup> A QUESTÃO do profissionalismo. *Jornal dos Sports*, 02 jun. 1931, n. 68, p. 2.

<sup>14</sup> O PROFISSIONALISMO pegou na Argentina. As rendas dos jogos entre amadores são ridículas. *Jornal dos Sports*, 23 jun. 1931, n. 86, p. 4.

<sup>15</sup> O PROFISSIONALISMO pegou na Argentina. As rendas dos jogos entre amadores são ridículas. *Jornal dos Sports*, 23 jun. 1931, n. 86, p. 4.

Assim, a Argentina, que implantou o regime profissional dois anos antes que os primeiros clubes brasileiros, pode ser considerada uma referência importante. A chuva de reportagens que desaguou nos impressos brasileiros pesquisados propunha a urgência da regulamentação daquilo que já se compreendia como fato consumado.

A oficialização dos pagamentos aos jogadores para mantê-los no país e o reconhecimento das vantagens financeiras do novo regime foram as principais conveniências anunciadas, mas outras, não menos relevantes para aquele contexto, foram divulgadas no intuito de se construir um arcabouço sólido para justificar a desejada transformação. Problemas com a arbitragem, violência nos campos e nas arquibancadas, pagamentos de propinas, dentre outras situações, foram mencionadas para exemplificar o esgotamento do amadorismo mascarado.

Em outra reportagem do *Jornal dos Sports* o incentivo à implantação do regime profissional no Brasil foi abordado de forma mais enfática: “Criemos o profissionalismo!”<sup>16</sup> O orgulho antes manifestado pela ida de jogadores ao exterior, atribuído às qualidades do brasileiro, passava a dividir espaço com um sentimento que seria cada vez mais comum: o medo do enfraquecimento do futebol nacional em virtude do êxodo de jogadores.

[...] Avoluma-se, assim, com rapidez, o numero de elementos brasileiros que vão jogar no Velho Mundo e, conseqüentemente, crescem os desfalques no nosso quadro de jogadores. Se essa ida de jogadores nossos para a Europa enche-nos de orgulho, por ser uma demonstração do alto prestígio do nosso football, por outro lado está criando uma situação bastante perigosa. Os clubes europeus estão sendo uma grande e poderosa atracção para os nossos rapazes [...]. Um meio apenas ha para evitar ficarmos desprovidos de jogadores, e este impõe imperativamente: Criemos o profissionalismo legal. Só assim evitaremos que os nossos jogadores, em turmas, deixem os campos brasileiros, em busca de clubs que lhes paguem melhor.<sup>17</sup>

Ambos os discursos – o do orgulho e o do medo do desfalque do quadro de atletas nacionais – podem ser compreendidos como partes de uma mesma estratégia de convencimento para a implantação do regime profissional no Brasil. O enaltecimento das benesses do profissionalismo, por meio de exemplos estrangeiros, e a posterior veiculação do medo crescente acerca da perda dos

<sup>16</sup> CRIEMOS o profissionalismo. *Jornal dos Sports*, 04 ago. 1931, n. 122, p. 2.

<sup>17</sup> CRIEMOS o profissionalismo. *Jornal dos Sports*, 04 ago. 1931, n. 122, p. 2.

grandes craques para estes centros podem se constituir em facetas de um mesmo intento discursivo.

#### **A IMPRENSA MINEIRA E OS DISCURSOS PARA IMPLANTAÇÃO DO PROFISSIONALISMO**

Logo após o anúncio da regulamentação do profissionalismo na cidade do Rio de Janeiro, em janeiro de 1933, o *Jornal dos Sports* publicara uma reportagem intitulada “Os mineiros também aderirão?” O texto informava que um emissário da Liga Carioca de Football estaria em Belo Horizonte “tratando de assumptos allusivos ao profissionalismo”. Este emissário seria “um alto paredro do Fluminense” e teria feito, segundo a reportagem, uma “proposta ao Palestra Italia, poderoso gremio da capital mineira, offerecendo-lhe cincoenta contos de auxilio para o inicio da regulamentação”.<sup>18</sup>

Antes mesmo da oficialização do profissionalismo no Rio de Janeiro houve uma profusão de notícias no *Estado de Minas*, em princípios do ano de 1933<sup>19</sup>. A maior parte delas registrava o êxodo de jogadores para a capital do país e para o exterior. Minas Gerais já havia passado por situações deste tipo no início da década de 1930. O caso precursor foi o do jogador Nininho, que havia deixado as fileiras do Palestra Itália para compor a equipe da Lazio, na Itália, no ano de 1931. Outros jogadores, inclusive da mesma família de Nininho, “os Fantoni” (Ninão e Niginho), seguiram o rumo do primeiro palestrino, o que provocou grande reação no meio futebolístico local.<sup>20</sup>

Em outra reportagem, os ordenados recebidos pelos jogadores do Racing Club de Buenos Aires eram evidenciados. Notícias sobre aquele contexto, sobretudo as relacionadas aos vultuosos salários recebidos pelos jogadores e às altas rendas dos jogos, apresentavam-se com frequência. Sobre o Racing, a reportagem mencionava ordenados mensais de 1.500\$000; “isso não levando em

---

<sup>18</sup> CRIEMOS o profissionalismo. *Jornal dos Sports*, 04 ago. 1931, n. 122, p. 2.

<sup>19</sup> Moura (2010) ressalta que nos anos predecessores à regulamentação, os jornais mineiros não deram muita ênfase à possibilidade de profissionalização do futebol, ao contrário do que manifestou a imprensa carioca. O autor pesquisou principalmente os jornais *Estado de Minas* e *Minas Geraes*.

<sup>20</sup> MOURA. *O amadorismo, o profissionalismo, os sururus e outras tramas: o futebol em Belo Horizonte nas décadas de 1920 e 1930*.



conta as gratificações e conducções”.<sup>21</sup> O River Plate também entrava em cena. A ênfase, neste caso, centrava-se na renovação do contrato de um de seus jogadores, o atacante Pencelle: “No momento em que o ‘foward’ do River Plate assignou a inscrição recebeu a quantia de 36.000\$000. O ordenado mensal de Pencelle é de 2.000\$000, afora as conducções e os clássicos 50 pesos por cada jogo”.<sup>22</sup>

A Argentina novamente entraria em cena no *Estado de Minas* como centro de uma notícia que ressaltava a contratação de “cracks do Rio”, transcrita do jornal carioca *O Globo*.

A imprensa argentina noticiou que o Gymnasia y Esgrima, de Buenos Aires, enviou um emissário ao Rio de Janeiro e que ‘espera contractar cracks cariocas’. [...] Como se vê os argentinos não desanimam em conseguir jogadores cariocas. Mudam emissarios. Hontem era do Boca Juniors. Hoje é o Gymnasia y Esgrima. Amanhã será o River Plate. E parece que os nossos cracks que querem dar um ‘passeio remunerado’ ao Plata, estão a espera do emissario dos ‘millionarios’, o club que pagou duzentos contos por Bernabé Ferreyra.<sup>23</sup>

“Milionários” era o apelido do River Plate, clube que dedicou enorme esforço financeiro para constituir seus quadros no regime profissional<sup>24</sup>. Suas ações seriam novamente citadas no impresso em questão. Os gastos com as contratações de jogadores e os lucros alcançados com as rendas de jogos seriam descritos como componentes de uma balança que possibilitava um equilíbrio favorável aos ganhos do clube.<sup>25</sup>

Sobre o mesmo assunto, o jornal mineiro replicara uma notícia publicada pelo periódico de São Paulo, *A Gazeta*. O texto, destinado a informar um rumor acerca da ida de mais jogadores paulistas para o exterior, exclamava: “Será possível?!... – Cerca de duas dezenas de jogadores paulistas que se tornarão profissionaes no Rio e no Prata?” Em seguida, esclarecia-se a questão: “Hontem começou a circular o boato de que está sendo preparada uma nova leva de nossos

---

<sup>21</sup> OS JOGADORES que maior ordenado perceberam do Racing Club... *Estado de Minas*, 01 jan. 1933, p.10.

<sup>22</sup> RENOVOU o seu contracto pelo River Plate... *Estado de Minas*, 01 jan. 1933, p.10.

<sup>23</sup> VEIU contractar ‘cracks’ do Rio. *Estado de Minas*, 15 jan. 1933, p. 8.

<sup>24</sup> Segundo a revista *El Gráfico*, o apelido foi derivado de contratação do jogador Pencelle. Na época, o River dispendeu a quantia de 10 mil pesos. No começo da década de 1930, momento em que se deu a transação, a quantia era considerada bastante elevada.

<sup>25</sup> FUROS, boatos e novidades. *Estado de Minas*, 18 jan. 1933, p. 6.

jogadores para o Rio e Buenos Aires, sendo quasi certo que cerca de 24 elementos já foram ‘cantados’[...].<sup>26</sup>

Em meio à constatação desses acontecimentos, as opiniões de atletas, dirigentes e dos próprios redatores do *Estado de Minas* se divergiam acerca da possibilidade de se implantar o profissionalismo. Em uma das edições do impresso constava uma entrevista com Mário Gomes (jogador do Clube Atlético Mineiro à época), em que ele dizia não encarar o profissionalismo como “meio tão ilícito de ganhar a vida, conforme dizem”. Para o jogador o debate em torno do tema era natural, uma vez que era uma “organização nova no Brasil”, e que por isso faltavam ainda “dados para que o povo pudesse encarar as suas finalidades”. Em sua opinião, o profissionalismo trazia uma grande vantagem: evitaria “o êxodo dos nossos grandes ‘cracks’ para o estrangeiro”.<sup>27</sup>

Alguns dias depois, o mesmo periódico publicou uma carta de um ex-jogador do América Futebol Clube, dirigida ao presidente do clube, Clóvis Pinto, em que clamava ao dirigente a não adoção do profissionalismo. Seus argumentos enfatizavam a história da agremiação: “que batalha por conservar as tradições gloriosas de um passado crivado de triumphos e risonho sempre de um radiante amanhã”. O jogador proclamava que o América deveria “repellir todo o attentado à conservação da bôa forma que desfructa o esporte em Minas”.<sup>28</sup>

Justificando este meu ponto de vista, que considero nosso, basta lembrar-te que em holocausto aos interesses de uma censurável remuneração, seriam immolados o entusiasmo, o ardor, a fibra, a tenacidade, o amor ao clube e, ainda, o decôro dos amadores. Todavia, se a reacção que devemos começar desde cedo for vencida, e victoriosa se fizer a novação que se propõe, é, então, chegado o momento de seleccionarmos ainda mais o nosso conjuncto [...]. E então, no alto do mastro, desejaremos divisar na flamula alvi-verde, tremulando ao contacto de uma vibração pura, o lemma fiel Sport pelo Sport, porque só assim palmilharemos para a suprema conquista do ideal sonhado pelos fundadores do nosso deca: mens sana in corpore sano.<sup>29</sup>

---

<sup>26</sup> FUIROS, boatos e novidades. *Estado de Minas*, 21 jan. 1933, p. 6.

<sup>27</sup> ASSIM QUE tiver conhecimento das leis do profissionalismo... *Estado de Minas*, 14 fev. 1933, p. 8.

<sup>28</sup> MARCELO Linhares contrario ao profissionalismo. *Estado de Minas*, 21 fev. 1933, p. 8.

<sup>29</sup> MARCELO Linhares contrario ao profissionalismo. *Estado de Minas*, 21 fev. 1933, p. 8.

O ponto-de-vista do ex-jogador americano demonstrava os valores que ainda permeavam a prática do futebol para certa parcela da população. A recusa ao profissionalismo era uma forma de seleção. O presidente americano respondeu a carta afirmando que não havia necessidade de preocupação com a possível adoção do profissionalismo, pois o regime seria impraticável para o América e os demais clubes de Belo Horizonte: “Não temos renda para profissionais, não temos ardor pelo profissionalismo e por fim, não temos necessidade de profissionais”.<sup>30</sup>

Um dia depois da carta do ex-jogador ser divulgada, o *Estado de Minas* resolveu lançar uma enquete: “Praticável a implantação do profissionalismo no nosso futebol?”.<sup>31</sup> A pergunta vinha acompanhada de uma primeira impressão do próprio impresso, que antes mesmo de coletar as opiniões dos esportistas, já afirmava ser impossível a adoção do regime profissional em Minas.

Temos optimos jogadores, que equivalem aos mais peritos do Rio e S. Paulo, e também bons quadros. O publico é que não é o mesmo e reside aqui o ponto fundamental, para nós, da questão. Havendo pouco público, as rendas não podem ser grandes e a manutenção do regimen profissional torna-se impossível. Iniciaremos amanhã uma ‘enquête’ entre os nossos esportistas acerca da possibilidade ou não do profissionalismo ser adoptado no ‘association’ montanhez, e que cremos ser muito interessante.<sup>32</sup>

O primeiro esportista a responder a enquete foi Affonso Paulino, ex-presidente do Atlético. Seus primeiros argumentos corroboravam a opinião manifestada no impresso: “Os nossos clubes não comportam definitivamente essa medida. Belo Horizonte não tem ainda um público numeroso, que possa acorrer ás despesas do profissionalismo”.<sup>33</sup> Após esta explanação inicial, o entrevistado abordou outra questão, que em muito se assemelha às palavras contidas na carta do ex-jogador americano.

---

<sup>30</sup> COMO o presidente americano responde a Marcelo... *Estado de Minas*, 23 fev. 1933, s. p.

<sup>31</sup> PRATICAVEL a implantação do profissionalismo no nosso futebol? *Estado de Minas*, 22 fev. 1933, p. 8.

<sup>32</sup> PRATICAVEL a implantação do profissionalismo no nosso futebol? *Estado de Minas*, 22 fev. 1933, p. 8.

<sup>33</sup> PRATICAVEL a implantação do profissionalismo no nosso futebol? *Estado de Minas*, 22 fev. 1933, p. 8.

[...] Eu acho um tanto desonroso para os nossos amadores. O Athletico, por exemplo, é um clube cujo quadro esportivo é composto de rapazes que cursam as nossas escolas superiores e não adoptará, penso eu, o futebol remunerado, uma vez que não fica bem um médico, advogado ou engenheiro praticar o 'association' como profissional. Finalmente, Bello Horizonte não comporta, de modo algum, o profissionalismo: elle contribuirá para a fallencia do nosso futebol.<sup>34</sup>

Outro jogador do mesmo clube, Dunorte André, foi o próximo a responder a enquete. Sua opinião divergia da do ex-presidente atleticano no que concerne à legitimidade da profissão: “[...] sou francamente favorável ao profissionalismo. Realmente, não há desdouro em que um ‘footballer’ perito trate de tirar as maiores vantagens de suas aptidões”. Na sequência de sua argumentação, o jogador ofereceu um elemento novo para a discussão: “Não se trata, acaso, de um dom que a natureza lhe deu, igualmente como procede com os predestinados abrilhar nas artes, por exemplo?”.<sup>35</sup> Pode-se inferir que Dunorte estava colocando em discussão o fato de algumas práticas serem legitimadas como profissão e outras não. No entanto, após sua opinião favorável ao profissionalismo, mencionou a inviabilidade da adoção do regime em Belo Horizonte: “Você sabe como o ambiente aqui é declaradamente contrario a isso. Todo jogador até mesmo de futebol, seria repellido, ficaria isolado. Nosso povo, mesmo por índole, não veria com bons olhos o ‘footballer’ que tivesse proveito da prática do esporte”.<sup>36</sup>

Outros entrevistados também destacaram a inviabilidade da adoção do regime em Minas, arregimentando argumentos muito semelhantes. Entretanto, logo no mês seguinte à proposição da enquete, em que o próprio *Estado de Minas* se posicionava contrário ao novo regime, as opiniões paulatinamente começavam a mudar. O êxodo de jogadores parecia incomodar cada vez mais, a exemplo da seguinte reportagem: “O Fluminense F. C, o grande clube carioca que foi um dos

---

<sup>34</sup> PRATICAVEL a implantação do profissionalismo no nosso futebol? *Estado de Minas*, 22 fev. 1933, p. 8.

<sup>35</sup> PRATICAVEL a implantação do profissionalismo no nosso futebol? *Estado de Minas*, 22 fev. 1933, p. 8.

<sup>36</sup> PRATICAVEL a implantação do profissionalismo no nosso futebol? *Estado de Minas*, 22 fev. 1933, p. 8.

pioneiros da implantação do profissionalismo no Rio, ao que parece não quer mesmo deixar nossos ‘cracks’ em paz”.<sup>37</sup>

Dias depois, o mesmo impresso se dedicou a enumerar problemas na organização do futebol amador de Belo Horizonte. Atrasos para o começo dos jogos, que chegavam a duas horas em relação ao horário previsto; árbitros escolhidos de última hora; e a frequente atitude dos clubes em abandonar o campo, “deixando a assistência na mão”, foram algumas das situações mencionadas. O texto questionava: “[...] que se poderá concluir dos nossos pretensos amadores?”.<sup>38</sup> Naquele momento, já se podia perceber uma inversão discursiva que impugnaría as vantagens do amadorismo. Outro trecho da mesma reportagem ainda traria outros elementos para se compreender as mudanças de enfoque:

[...] todas as nossas observações tem um proposito muito claro e bem elevado, zelar pela moral do nosso esporte: engrandecel-o aos olhos dos nossos dois grandes centros – S. Paulo e Rio – para que depois não se diga que nós, desportistas mineiros, só sabemos applaudir em um campo de futebol – sururus, pescções e caneladas.<sup>39</sup>

O amadorismo mineiro, pouco tempo antes descrito como “são”, “honesto” e “honroso”, como uma salvaguarda para as mazelas do recente profissionalismo, passava a ser criticado pela desorganização e pela violência, fato também observado nos discursos da imprensa em prol do regime profissional em Buenos Aires e Rio de Janeiro. No entanto, ao mesmo tempo em que o texto propunha a implantação do futebol remunerado como forma de promover uma imagem positiva do futebol local frente às cidades brasileiras consideradas referência, a centralidade da notícia se deslocava para a alta renda do jogo realizado entre os quadros do Vasco da Gama e do América (RJ), “a maior desses últimos tempos em partidas amistosas”. Segundo a publicação, o jogo ocorreu em um ambiente de destacada disciplina, que contou com o “entusiasmo do público”. O jogo de profissionais foi mencionado como uma “nova phase de progresso do esporte brasileiro”; “a inovação do nosso futebol”; a “victoria do profissionalismo no

---

<sup>37</sup> DEIXEI o Villa Nova e vou ingressar como profissional do Fluminense do Rio... *Estado de Minas*, 15 mar. 1933, p. 8.

<sup>38</sup> ESTADO de Minas, 29 mar. 1933, p. 8.

<sup>39</sup> ESTADO de Minas, 29 mar. 1933, p. 8.

Brasil”. O texto ainda destacava: “[...] o povo compreendeu bem a finalidade de como surgiu a entidade profissional”.<sup>40</sup>

A partir desse momento, o *Estado de Minas* seria um defensor do profissionalismo em Minas Gerais. Com a mudança de perspectiva do periódico, o presidente do América Mineiro, Clóvis Pinto, que ainda mantinha sua opinião contrária ao regime profissional, foi incisivamente criticado pelo jornal. Uma das reportagens anunciava que o referido presidente pretendia dissuadir os outros clubes de se pronunciarem favoravelmente ao novo regime: “[...] É esse, positivamente, um desserviço que o presidente americano quer prestar ao esporte, impedindo-o de progredir, forçando-o a permanecer na rotina em que caminha, a retrogradar”.<sup>41</sup> O texto em questão é bastante representativo da rápida mudança de opinião do periódico (de janeiro a março) acerca da implantação do regime profissional.

[...] O profissionalismo só tem vantagens. Para a torcida oferecerá exibições de um futebol forçosamente superior. O regimen a que terão de submeter-se os ‘cracks’ a presença dos ensaios obrigatórios, acarretarão maior ajuste das linhas de ataque e de defesa dos quadros. As penas a que terão de sujeitar-se em seu próprio benefício, e que não visa ser sinão moralizar o futebol, evitarão os ‘sururus’ e todos esses outros aborrecimentos que constituem fundado desejo do publico nas vésperas dos jogos. Pergunte-se a qualquer torcedor si prefere assistir a uma partida regular em todos os sentidos disputada por profissionaes, ou a uma cheia de incidentes desagradáveis, em que competem amadores e, o mais das vezes falsos amadores...?<sup>42</sup>

Nesse momento, o profissionalismo assumia as características nobres antes representativas do amadorismo. Os amadores foram descritos como protagonistas de “incidentes desagradáveis”. Em contrapartida, o profissionalismo evitaria as brigas, favoreceria a qualidade do espetáculo e a disciplina. Havia também o desprezo a um dos principais entraves mencionados em momento anterior para a implantação do regime: o diminuto público e, por consequência, a insuficiência das rendas.

Ao contrário da crítica proferida ao presidente do América, tido como propulsor de uma ação retrógrada, o presidente do Atlético, Tomaz Naves, favorável à implantação do profissionalismo, foi descrito como “operoso

<sup>40</sup> ESTADO de Minas, 29 mar. 1933, p.8.

<sup>41</sup> O SR. CLOVIS Pinto promoverá uma reunião... *Estado de Minas*, 27 abr. 1933, p. 8.

<sup>42</sup> O SR. CLOVIS Pinto promoverá uma reunião... *Estado de Minas*, 27 abr. 1933, p. 8.

presidente, esportista de larga visão, homem de acção”.<sup>43</sup> De acordo com a reportagem em questão, “outra coisa que entra pelos olhos é que o profissionalismo melhorará cento por cento a classe do nosso futebol. Assistiríamos exhibições do verdadeiro e empolgante soccer”.<sup>44</sup> A dita melhoria estava relacionada à crença no desaparecimento dos frequentes “sururus”, “chegando a constituir raridade a sua não verificação em jogos importantes”, das discussões de jogadores com juizes, da demora “excessiva e desabusada das partidas, em inobservância completa aos horários estabelecidos para a orientação do público, etc, etc...” Estas situações foram veiculadas como promotoras da “decadência do association bellorizontino”.<sup>45</sup>

Diante dessa inversão discursiva, o profissionalismo se conformaria como a solução para todos os problemas gerados pelo amadorismo. Ainda, nas palavras do presidente do Atlético: “Tardo, lento e duvidoso será o andar daquelles que não quiseram acompanhar a grande realidade; joviaes, sorridentes e expansivos viverão os que se congregarem em torno da ideia nova, que é honesta, que é nobre, e que, antes de tudo, regeneradora”.<sup>46</sup>

Em outra edição do *Estado de Minas*, Tomaz Naves foi apresentado como “illustre e dedicado”; uma figura que, pela sua atuação, “se tem posto em singular relevo no nosso scenario esportivo”; “homem de acção, esportista inteligente e de larga visão”. De acordo com a reportagem, o dirigente atleticano considerava “a adopção do profissionalismo um acontecimento muito natural, numa phase da nossa evolução esportiva”.<sup>47</sup>

[...] profissionalizar o player é dignificar o seu jogo. E no foot-ball é que mais se salienta a intelligencia e a destreza do *sportman*, cujos músculos do corpo todo maravilham pela eurithmia. É este, cujo estímulo vamos provocar com mais vehemencia, que se deve [...] garantir, por meio de contracto, não só a manutenção como os riscos por accidentes occorridos. É um beneficio que se presta ao ‘player’, alma-mater da organização esportiva, porque sem ‘team’ não se tem associado e nem assistencia. De nada valem o nome pomposo do clube nem as suas

<sup>43</sup> RETIRO S.C disposto a collaborar... *Estado de Minas*, 27 abr. 1933, p. 8.

<sup>44</sup> RETIRO S.C disposto a collaborar... *Estado de Minas*, 27 abr. 1933, p. 8.

<sup>45</sup> RETIRO S.C disposto a collaborar... *Estado de Minas*, 27 abr. 1933, p. 8.

<sup>46</sup> A IMPLANTAÇÃO do profissionalismo em Bello Horizonte. *Estado de Minas*, 07 maio 1933, p. 6.

<sup>47</sup> O DR. TOMAZ NAVEZ considera a implantação do profissionalismo... *Estado de Minas*. 10 maio 1933, p. 6.

decantadas tradições. Os componentes do ‘team’ é que realizam tudo o que possa concorrer para o engrandecimento da associação, razão mais do que justa para que participem de suas rendas, embora nunca sejam ellas empregadas senão em beneficio da própria corporação.<sup>48</sup>

Estes trechos demonstram como valores atribuídos a algumas palavras mudaram de sentido. A dignidade, antes considerada uma condição valorativa do jogador que recusava receber dinheiro, tornava-se um ganho da profissionalização. Evolução e progresso também adquiriram outra significação. Antes atrelados ao esporte amador como condição importante para se adentrar à modernidade, nesse momento passavam a representar “a nova organização esportiva” prometida pelo profissionalismo. Percebe-se também que o amadorismo, ao perder suas características “modernas”, passou a ser veiculado como tradição, no sentido pejorativo de algo obsoleto.

O movimento que ocorria em solo mineiro ganhou destaque no periódico carioca *Jornal dos Sports*. A manchete “O profissionalismo em Minas ganha terreno” antecedia uma produção textual que enaltecia o êxito do regime profissional regulamentado no Rio de Janeiro e em São Paulo e sinalizava Minas Gerais, “com Belo Horizonte á frente, na berlinda”.<sup>49</sup> O regime moralizador, supostamente capaz de modificar as relações desonestas existentes no meio esportivo, era vinculado a predicados vanguardistas, inovadores. Minas Gerais, ao aderir à proposta, foi mencionado como um estado com adiantado centro esportivo. A manutenção do *status* de terceiro núcleo do esporte brasileiro, tão alardeado pelos impressos mineiros, sofreria abalos caso o jogo não acompanhasse as resoluções de Rio de Janeiro e São Paulo.

#### **DA EUFORIA DOS DISCURSOS À REALIDADE MINEIRA**

O momento posterior à implantação do profissionalismo demonstrou que a mudança não seria tão simples e natural como os discursos favoráveis propagandeavam. O profissionalismo traria outras demandas, outros problemas e,

---

<sup>48</sup> O DR. TOMAZ NAVEZ considera a implantação do profissionalismo... *Estado de Minas*, 10 maio 1933, p. 6.

<sup>49</sup> CANDIOTA, João de Deus. O PROFISSIONALISMO em Minas ganha terreno. *Jornal dos Sports*, 24 maio 1933, n. 676, p. 4.



com isso, exigiria novas formas de solução. As recentes transformações do jogo trariam questões que, se não eram de todo inéditas, ao menos demandariam novas estratégias de abordagem. O enterro do amadorismo pelos grandes clubes e por uma parcela de jornalistas significava progresso, mas também a adequação a uma nova realidade e a consecução de novas atitudes.

Pode-se inferir que a mudança rápida de regimes, capitaneada por uma repentina mudança de opinião do jornal *Estado de Minas* e de alguns clubes, especialmente o Atlético, possui relação com o vislumbre dos lucros gerados no cenário carioca, pauta que já estava presente no jornal em se tratando do contexto argentino. Logo após o impresso noticiar o alto valor das rendas dos jogos e a adesão do público como uma vitória do novo regime no Rio de Janeiro, houve uma mudança expressiva no enfoque dado ao contexto mineiro, com a proliferação de reportagens favoráveis à profissionalização. Além da preocupação com o êxodo dos craques, o novo mercado que emergia e se mostrava vantajoso modificou todo o aparato discursivo em pouco tempo. Apenas uma reportagem publicada pelo *Estado de Minas*, dois dias após a mudança, assinalava dificuldades que o regime profissional enfrentaria. Paradoxalmente, o jornal declaradamente apoiador do regime, justificando-o como “um remédio para o mal da decadência do nosso futebol amador”,<sup>50</sup> publicou um texto em que questionava a capacidade dos clubes em remunerar os seus jogadores.

Discute-se agora com insistência a implantação do profissionalismo sob uma nova face, talvez a mais directa: a remuneração dos jogadores. A proposito disso, lembra-se em primeiro lugar a situação financeira dos nossos clubes, que, com raras excepções, está longe de ser desafogada para não dizer que é de abertura [...]. Sabemos que ha o proposito, si bem que não por parte de todos os clubes professionalistas, de não pagarem aos seus ‘cracks’ como é de direito e justiça [...]. Francamente, essa hypothese que constitue uma intenção não pode vir a verificar-se [...]. Ser amador professional ainda é razoável, o que se via muito e ainda se vê. Mas essa história de ser professional amador, nunca!... [...] Nós estamos no regime professional [...]. Evidentemente, essa historia descamba para o terreno das coisas engraçadas...!<sup>51</sup>

<sup>50</sup> ASSIGNALADA, emfim, a victoria... *Estado de Minas*, 31 maio 1933, p. 8.

<sup>51</sup> NO QUE diz respeito á remuneração. *Estado de Minas*, 02 jun. 1933, p. 6.

Alguns exemplos ocorridos no segundo semestre do ano de 1933 são indicativos de situações que se tornariam uma preocupação constante. Uma delas se refere a uma briga travada entre representantes do Atlético e do Esporte (da cidade de Juiz de Fora), por ocasião da realização do primeiro campeonato mineiro de profissionais de 1933.<sup>52</sup> Ao final de um dos jogos, realizado na cidade do interior, o Atlético Mineiro produziu inúmeras críticas acerca do tratamento recebido por sua delegação. A falta de uma recepção adequada à equipe quando de sua chegada à Juiz de Fora e a profusão de vaias durante a partida irritaram sobremaneira os dirigentes do clube da capital, resultando no anúncio radical de que este clube não mais disputaria jogos em Juiz de Fora. Os conflitos gerados estiveram presentes em inúmeras edições do *Estado de Minas*, demonstrando o desconforto existente.

A nossa situação esportiva atravessa um momento de indisfarçável delicadeza. Muito ao contrario do que seria de desejar, a disputa do campeonato mineiro de futebol profissional não se tem revestido de caracteres de normalidade tão necessaria, imprescindível para o prosseguimento do certame, que determinaria a realização de outros futuros tão ou mais brilhantes do que o presente, no que respeita a exhibições de ordem technica dos novos actuaes concurrentes.<sup>53</sup>

O jornal *A Tribuna* também dedicaria inúmeras de suas páginas para problematizar situações que aconteciam no recém-criado regime, destacando mudanças e permanências em relação ao período amador. Uma das reportagens chegou a questionar onde estaria a tão apregoada melhoria de padrão do futebol com o advento do profissionalismo.<sup>54</sup> Várias foram as menções críticas, enaltecidas em frases do tipo: “[...] tempos de corrida atrás do dinheiro é muito mais seria que atrás da bola [...]”;<sup>55</sup> “[...] mas agora os tempos são outros e outros os amores”;<sup>56</sup> “dedicações que não se compram mais com homenagens e palavras de affecto”;<sup>57</sup>

---

<sup>52</sup> Três equipes de Juiz de Fora, o Esporte, o Tupy e o Tupynambas participaram do campeonato mineiro de profissionais no ano de 1933, além das equipes do América, Palestra, Atlético, Villa Nova, Retiro e Siderúrgica.

<sup>53</sup> PRIMEIRO a reorganização, depois o estabelecimento da ordem. *Estado de Minas*, 21 out. 1933, p. 10.

<sup>54</sup> EM POUCAS linhas. *A Tribuna*, 22 ago. 1933, n. 111, p. 5.

<sup>55</sup> AS FORÇAS que triumpham. *A Tribuna*, 07 set. 1933, n. 126, p. 5.

<sup>56</sup> EM POUCAS linhas. *A Tribuna*, 18 ago. 1933, n. 108, p. 5.

<sup>57</sup> EM POUCAS linhas. *A Tribuna*, 23 ago. 1933, n. 112, p. 5.

“as medalhas de fim de ano foram substituídas pela moeda de todo dia”;<sup>58</sup> “hoje um clube é um estabelecimento que explora um negócio”;<sup>59</sup> e “[...] o vínculo do interesse é o dinheiro, até que a moeda seja extinta”.<sup>60</sup>

No manifesto destas opiniões, o jornal se ocupou em várias ocasiões de relatos sobre confrontos violentos observados entre torcedores, jogadores e juízes. Em um dos textos, ao abordar um dos episódios de violência, concluía-se: “A torcida carioca, paulista, mineira [...] é a mesma torcida. O futebol também, o mesmo. Porque nós caminhamos para o esporte universal. [...] Os 20 mil espectadores saltaram na cancha, para que seja decidida a victoria pelo muque”.<sup>61</sup>

Além das animosidades e violências mencionadas, um caso específico merece destaque: a tentativa de suborno conduzida por um árbitro paulista em Belo Horizonte. Cid Roso foi acusado pelos dirigentes do Siderúrgica de ter pedido 200\$000 antes do jogo contra o Atlético para que o grêmio sabarense obtivesse “maiores probabilidades de vencer o jogo”.<sup>62</sup> A notícia logo se espalhou pelos círculos esportivos da capital e a “directoria do Athletico teve, nesse mesmo dia, conhecimento do que se passara”.<sup>63</sup> Na edição seguinte do *Estado de Minas* ressaltava-se que a confirmação do fato havia determinado “no espírito público uma viva repulsa por indivíduo de sentimentos tão baixos”, que “emporcalhavam o meio esportivo da capital”.<sup>64</sup> Na reportagem ainda constava uma das possíveis falas de Cid Roso proferida durante a conversa com os dirigentes do Siderúrgica: “O profissionalismo é isto”.<sup>65</sup>

Estes são exemplos demonstrativos de um profissionalismo que se firmou pelo discurso, mas que em sua concretude cotidiana ainda se mantinha refém de relações estabelecidas anteriormente. A organização prometida pelo profissionalismo se esbarrava em problemas de variadas ordens. Aliás, a mudança de regimes não implicou o rompimento imediato com os costumes de jogadores, torcedores, árbitros e dirigentes, como pronunciavam alguns de seus defensores.

<sup>58</sup> EM POUCAS linhas. *A Tribuna*, 23 ago. 1933, n. 112, p. 5.

<sup>59</sup> EM POUCAS linhas. *A Tribuna*, 23 ago. 1933, n. 112, p. 5.

<sup>60</sup> EM POUCAS linhas. *A Tribuna*, 23 ago. 1933, n. 112, p. 5.

<sup>61</sup> EM POUCAS linhas. *A Tribuna*, 08 set. 1933, n. 127, p. 5.

<sup>62</sup> UM CASO inédito nos nossos esportes. *Estado de Minas*, 11 out. 1933, p. 8.

<sup>63</sup> UM CASO inédito nos nossos esportes. *Estado de Minas*, 11 out. 1933, p. 8.

<sup>64</sup> A DERRADEIRA e fracassada aventura de Cid Roso. *Estado de Minas*, 12 out. 1933, p. 6.

<sup>65</sup> A DERRADEIRA e fracassada aventura de Cid Roso. *Estado de Minas*, 12 out. 1933, p. 6.

Ao contrário, os problemas tornaram-se mais visíveis no decorrer dos anos, seja por um real aumento nas ocorrências de casos como os mencionados anteriormente, seja por uma escolha dos periódicos em dar maior visibilidade a estes episódios. Sobre a última possibilidade, não se pode negligenciar o fato de que o profissionalismo alavancou sobremaneira o mercado futebolístico, fato intrinsecamente relacionado à produção midiática acerca do jogo. Não à toa, a maior profusão de periódicos esportivos em Belo Horizonte se deu nos anos posteriores à adoção do regime, especialmente na década de 1940. Vale sinalizar que a maior parte deles tinha o futebol como temática principal.

Mediante os conflitos mencionados, discursos controversos eram publicados. De um lado, a certeza de que o meio futebolístico mineiro ainda era “puro”, “sem infecções”,<sup>66</sup> como as do tipo Cid Roso. Por outro lado, a propagação de denúncias sobre “improperios e atitudes menos cavalheirescas”, que não se coadunavam com o “bom senso e a educação esportiva”.<sup>67</sup> A expansão do futebol e o reconhecimento da rentabilidade dos estádios cheios ainda convivia com o temor de se chocar as “famílias de pessoas de bom gosto, finas, educadas”.<sup>68</sup> As queixas do Atlético sobre a conduta do Esporte pareciam ter mais legitimidade pelo fato da equipe belo-horizontina ser composta de “estudantes, advogados, médicos e tudo o que ha de mais fino”.<sup>69</sup>

Nesse cenário percebia-se a convivência de uma ideia dúbia de amadorismo, especialmente quando a prática amadora se distanciava dos seus princípios fundantes e amplamente disseminados como caracteres distintivos da prática esportiva restrita das camadas sociais mais abastadas para dar lugar à significação de uma espécie de “segundo amadorismo”, já maculado pela popularização do futebol e compreendido não apenas como algo pouco eficiente e atrasado, mas como um símbolo das mazelas que a ideia de amadorismo puro buscava combater anos atrás. Nessa perspectiva, o termo ganhava um tom cada vez mais pejorativo no meio futebolístico e passava a servir como predicado para sinalizar as ineficiências do próprio regime profissional em Belo Horizonte.

---

<sup>66</sup> A DERRADEIRA e fracassada aventura de Cid Roso. *Estado de Minas*, 12 out. 1933, p. 6.

<sup>67</sup> JUSTOS. EDUCAÇÃO esportiva. *Estado de Minas*, 21 out. 1933, n. 49.772, p. 6.

<sup>68</sup> JUSTOS. EDUCAÇÃO esportiva. *Estado de Minas*, 21 out. 1933, n. 49.772, p. 6.

<sup>69</sup> JUSTOS. EDUCAÇÃO esportiva. *Estado de Minas*, 21 out. 1933, n. 49.772, p. 6.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O regime profissional se estabeleceu em Belo Horizonte quatro meses depois da capital federal e pode-se considerar que sua rápida adesão foi produto de uma grande investida midiática, capitaneada, sobretudo, pelo jornal *Estado de Minas* e pelo *Jornal dos Sports*. Muitos foram os argumentos discursivos utilizados nos impressos para legitimar o novo regime em Belo Horizonte (especialmente os que se aproveitavam de estratégias comparativas com outras cidades e de dados quantitativos acerca das vantagens do profissionalismo).

No entanto, as promessas do profissionalismo, quando de sua implementação, esbarraram-se em uma realidade concreta que criou novos desafios e novas demandas. Problemas estruturais e financeiros dos clubes (e a própria estrutura esportiva da cidade) começaram a ser enumerados nas páginas dos impressos belo-horizontinos meses após a mudança de regimes, demonstrando certa descrença e decepção com os rumos do futebol mineiro e sua tentativa de se igualar a outros centros esportivos. Se em meados da década de 1920, Belo Horizonte vivenciava um “amadorismo profissional” (amadorismo marrom), pode-se pensar que, após maio de 1933, entra em cena uma espécie de “profissionalismo amador”.

\* \* \*

## REFERÊNCIAS

ARCHETTI, Eduardo. **Masculinidades**: fútbol, tango y polo en la Argentina. Buenos Aires: Antropofagia, 2003.

CAMPOMAR, Andreas. **Golazo**: de los aztecas a la Copa del Mundo: la historia completa del fútbol en América Latina. Buenos Aires: Deldragón, 2014.

CLAUSSEN, Detlev. **Béla Guttmán**: uma lenda do futebol do século XX. São Paulo: Estação Liberdade, 2014.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão**: a formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed.; Anpocs, 2007.

FRYDENBERG, Julio. **Historia social del fútbol**: del amateurismo a la profesionalización. Buenos Aires: SigloVeintiuno Editores, 2011.

MOURA, Rodrigo Caldeira Bagni. **O amadorismo, o profissionalismo, os sururus e outras tramas**: o futebol em Belo Horizonte nas décadas de 1920 e 1930. (Dissertação). Mestrado em Estudos do Lazer, UFMG, Belo Horizonte, 2010.

REYNA, Francisco D. **La difusión y apropiación del fútbol en el proceso de modernización en Córdoba (1900-1943)**: actores, prácticas, representaciones e identidades sociales. (Tesis). Doctorado en Historia, Facultad de Filosofía y Humanidades, Universidad Nacional de Córdoba, 2014.

\* \* \*

Recebido para publicação em: 17 nov. 2019.  
Aprovado em: 12 maio 2020.